

REFLEXOS D'ALÉM-MINHO:
UMA APROXIMAÇÃO QUALITATIVA À GALIZA NA IMPRENSA
DE PORTUGAL

Joám Evans Pim (Seminário de Estudos Atlânticos, Galiza)
Bárbara C. Kristensen (Universidade do Vale do Itajaí, Brasil)

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é um fruto, certo é que algo imaturo, duma pesquisa realizada em 2004 durante um intercâmbio com a Universidade do Minho (Braga, Portugal). A idéia de trabalhar sobre a representação da Galiza na imprensa portuguesa, e vice-versa, não é nova e tem-se desenvolvido já alguns trabalhos amplos sobre esta matéria.

Além dos que se têm recolhido nas atas e resoluções finais de iniciativas como o *I Encontro de Jornalistas do Norte de Portugal e da Galiza* (a mais antiga da que temos constância¹), o *II Seminário Europeu de Comunicação Social: A Comunicação Social Transfronteiriça*², o curso *Galicia e Portugal: A fronteira esvaída*³, o *Congreso Galicia e Portugal: a Comunicación Euro-rexional no Século XXI*⁴ ou mesmo a primeira edição deste congresso⁵, destaca *A imaxe de Portugal e Galicia na prensa dos dous países* (López, Sousa et al., 2002), cujo objetivo consistia em «identificar e describir as imaxes

1. VV.AA.: «I Encontro de Jornalistas do Norte de Portugal e da Galiza», *Cadernos de Jornalismo*, n.º 5, Junho de 1988, CENFOR – Centro de Formação de Jornalistas, Porto.

2. Fernández Areal, Manuel (dir.); Pena Rodríguez, Alberto (ed.): *A Comunicación Social Transfronteiriça, II Seminario Europeo de Comunicación Social*. Pontevedra: Deputación Provincial, 2000.

3. López Mira, Álvaro Xosé (dir.): *Galicia e Portugal: a fronteira esvaída – Curso de Extensión Universitaria*. Ourense: Deputación Provincial, 2002.

4. VV.AA.: *Congreso Galicia e Portugal, a Comunicación Euro-rexional no Século XXI* [Santiago de Compostela: 26 e 27 de Novembro de 1999]. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia. Secretaría para as Relacións cos Medios Informativos, 2000.

5. Rúas, Xosé: «Novas pontes de comunicación que tender». In López, Xosé; Sousa, Jorge Pedro (coords.): *A investigación e o ensino do xornalismo no espazo luso-galego. Actas do I Congreso Luso-Galego de Estudos Xornalísticos*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, 2004, p. 195-213.

que oferece a prensa portuguesa de Galicia e as que ofrece a prensa galega de Portugal»⁶ e que em certa medida serviu como ponto de partida para esta pesquisa.

O modo com que as perguntas de investigação e as variáveis de análise foram formuladas fizeram aos autores daquele trabalho optar pela aplicação de métodos quantitativos, que no âmbito dos estudos jornalísticos têm uma certa primazia. Ainda que estes estudos não tenham nada de mau, muito pelo contrário, semelhana necessária uma aproximação distinta (nomeadamente desde o campo da análise qualitativa do discurso) para abordar a forma com que as relações entre galegos e portugueses são representadas nos meios de comunicação social.

As relações entre Galiza e Portugal remontam-se ao início dos tempos, formando durante milênios um ente unitário em termos civilizacionais. A unidade política (iniciada, se não antes, com a *Gallaecia* romana e prolongada através do Reino Suevo) só se quebrará no período baixo-medieval, com a partição do Reino da Galiza à altura do Minho, que se converte em fronteira política, como muitas outras, mais bem por acaso histórico. Enquanto a nobreza da Alta-Galiza se apropriava do apelativo «galego», na Galiza *Portucalensis* estava-se a criar um novo Estado, forjado na luta pela independência nacional e pela expansão territorial (primeiro para o Sul e mais tarde para o Ultramar).

Ainda assim e como em tantas ocasiões se tem dito, o Minho e a raia seca realmente unem mais do que separam. Essa raia imaginária que durante tanto tempo tentou separar, sem acabar de consegui-lo nunca por completo, tende inexoravelmente a evaporar-se num contexto no que as fronteiras políticas se desprendem da sua significação originária e a proximidade galego-portuguesa cobra novas dimensões em todos os eidos.

Esta proximidade, como não podia ser de outra forma, tem o seu necessário reflexo nos órgãos de comunicação social. Já

6. López, Xosé (ed.); [autores] Jorge Pedro Sousa... [et al.]: *A imaxe de Portugal e Galicia na prensa dos dous países*. Santiago de Compostela: Universidade, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2002, p. 13.

a princípios do século xx as colaborações de intelectuais portugueses em jornais e revistas galegas (*A Nosa Terra*, *Nós*, *Ronsel*, *Resol*) viam-se correspondidas com a participação de figuras carismáticas galegas como Risco, Cabanillas ou Castelaio na imprensa de Portugal. Do mesmo jeito, jornais portugueses como *O Comércio* do Porto, *O Popular* de Lisboa ou o *Jornal de Notícias* e revistas como a *Ilustração Portuguesa* ou *Atlântida* seguiram com interesse o movimento galeguista, chegando em ocasiões a impulsionar eventos (é o caso da «Semana Portuguesa em Galiza» de 1929, idealizada pelo *Diário de Notícias* de Lisboa) que cobrirão atentamente⁷.

Os anos de franquismo e a conseqüente decadência do movimento galeguista, grande impulsionador das relações trans-minhotas, fizeram diminuir o grão de participação de galegos e portugueses na vida pública de ambos países (ainda que outro tipo de relações proliferavam na chamada «raia seca») e por tanto também nos órgãos de comunicação social. Com a «abertura» dos Estados espanhol e português e a mobilidade fronteiriça que traz a União Européia as relações culturais, comerciais e pessoais aumentam de forma progressiva, criando novas dimensões de interação às que a comunicação social não será alheia. A criação da Euro-região Galiza - Norte de Portugal, apesar dos seus defeitos, será crucial para articulação das relações entre a Galiza e o Estado vizinho, sendo um dos temas mais recorrentes, como demonstra a pesquisa, no que diz respeito à Galiza na imprensa portuguesa⁸.

7. Para uma visão satisfatória deste fenómeno recomenda-se ver Marco, Aurora: «Exemplificação das relações culturais entre Galiza e Portugal em jornais e revistas». In Rodrigues, António da Cruz... [et al.]: *Galiza Portugal – Uma só Nação*. Lisboa: Nova Arrancada, 1997, p. 171-182; ou para um estudo mais aprofundado Torres Feijó, Elias J.: *A Galiza em Portugal. Portugal na Galiza através das revistas literarias: (1900-1936)*. Tese de doutoramento, Universidade de Santiago de Compostela, 1995.

8. Sobre a representação da Euro-região na imprensa da Galiza ver López, Xosé; García, Berta: «A eurorreión Galicia-Norte de Portugal a través das páxinas da prensa galega. Análise do discurso mediático transmitido polos xornais galegos». In *II Congreso Ibérico de Ciências da Comunicación - III SOPCOM, A Covilhã, 21-24 Abril 2004 – Actas*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2004 (Arquivo para Acrobat Reader em CD-ROM).

Eis o contexto que move esta curiosidade, perguntando-se como será que o vizinho português vê o galego através da sua imprensa. Eis a clave da presente pesquisa: a caracterização da Galiza e do galego na imprensa de Portugal.

2 MARCO TEÓRICO

2.1 *Tema e pergunta inicial*

Ao aumento das relações entre a Galiza e Portugal em todos os níveis imagináveis (laboral, cultural, académico, financeiro, institucional, lazer etc.) tem-lhe correspondido um aumento lógico da quantidade da informação referente aos dois países e às suas gentes na imprensa de ambos. Mas o que se pretendia com esta pesquisa não era tanto trabalhar no «quanto» senão aprofundar no «como». Se bem que em alguns estudos de carácter quantitativo tem-se incidido no teor, positivo ou negativo, das notícias (López, Sousa et al., 2002), o que pode dar uma idéia da caracterização da Galiza, como ente coletivo, e do galego, como individuo, semelhante-se preciso um trabalho que se centrasse na análise do modo em que somos vistos e não se somos muito ou pouco vistos. A caracterização resulta assim uma componente importante do processo de (re)apresentação.

Não se vai trabalhar tanto no nível de representação que os assuntos relacionados com a Galiza e os galegos têm na imprensa portuguesa (isto é, se existe uma super-representação ou uma sub-representação – como acha-se que é mais bem o caso) senão na caracterização dos sujeitos representados: a Galiza e os galegos⁹.

A pergunta inicial não poderia ser mais simples e genérica, o qual entranha problemas e virtudes: «O que dizem de nós?», o

9. Devemos assinalar que o presente artigo, para o qual se trabalhou sobre os conteúdos de três jornais portugueses do ano de 2000, constitui apenas um direccionamento de um projecto mais amplo que visa analisar os fluxos de informação entre as duas beiras minhotas. No momento no que se apresentou esta comunicação estava-ser a trabalhar na seguinte fase, que deveria levar a um segundo artigo («Reflexos de Aquém-Minho»), analisando três jornais galegos (*La Voz de Galicia*, *El Correo Gallego* e *Faro de Vigo*) desse mesmo ano. O processo repetiria-se com as edições dos seis jornais para o período Janeiro-Junho de 2005, desembocado num estudo comparativo global.

que se poderia, concretizando um bocado, trocar por: «Como são caracterizados a Galiza e os galegos na imprensa portuguesa?». Esta pergunta leva imediatamente a outra: «Quem somos nós [para eles]?». Será que somos apenas «os espanhóis», como qualquer outro habitante do Estado, ou algo mais. E a Galiza? Região, província, comunidade autónoma, noroeste peninsular, qualquer outra coisa ou simplesmente Galiza? Se é que existe, será que a distinção entre formas tem alguma função mais ou menos específica ou será questão de puro acaso.

A seguinte pergunta à que se pretende dar resposta é «Como somos [segundo eles]?». Galegos e portugueses, tão juntos... Impossível não haver contacto, impossível não haver fricção. Como nos vêem? Quais as nossas virtudes? Quais os defeitos? Somos causa ou solução dos seus problemas? Seremos bons ou maus vizinhos? Que particularidades chamam a sua atenção?

Finalmente «Que fizemos?» para ser notícia. Será que somos produtores de possibilidades financeiras e atividades de ócio ou competidores desleais que querem tomar conta do mercado português e que não gostam nem da «noite» nem do «fado», por dizer alguma coisa, que o além-Minho oferece?

2.2 A análise de conteúdo

Após a delimitação do tema, houve que escolher os procedimentos a utilizar para o tratamento da informação recolhida. Neste sentido, a análise de conteúdo pareceu ser o método idóneo. Laurence Bardin define-o como um «conjunto de instrumentos metodológicos (...) que se aplicam a discursos extremamente diversificados. O fator comum destas técnicas múltiplas é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência». Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. Segundo este autor não é mais do que a análise de «mensagens por esta dupla leitura onde uma segunda leitura se substitui à leitura “normal” do leigo (...)». Assim, a análise de conteúdo é utilizada como um instrumento de diagnóstico, de modo

que se possam levar a cabo inferências específicas ou interpretações causais sobre um dado aspecto da orientação do discurso, neste caso, dos textos jornalísticos. Assim, a inferência é o objetivo último da análise de conteúdo, sendo a dedução de maneira lógica e através de procedimentos e recorrendo-se aos indicadores, que permitem passar-se da mera descrição para a interpretação.

No plano metodológico podia-se enveredar pela análise quantitativa ou pela análise qualitativa. Na primeira o que serve de informação é a frequência com que surgem certas características do conteúdo. Na análise qualitativa ou temática, o que serve de informação é a presença ou a ausência de uma dada característica ou um conjunto de características de conteúdo. A quantificação é sem dúvida uma estratégia cheia de virtualidades, diz Jorge Vala (1999), mas não há justificação para não reconhecer os sucessos das investigações de orientação qualitativa. «O rigor não é exclusivo da quantificação, nem tão pouco a quantificação garante por si a validade e fidedignidade que se procura»¹⁰.

Apesar de que em algumas ocasiões o método quantitativo pareceu apropriado para formular algumas das conclusões, nomeadamente no que diz respeito à questão identitária, enveredou-se pela análise qualitativa uma vez que esta se adapta melhor ao tipo de informação a recolher. Isto porque se reveste de características particulares, com especial validade para a elaboração de deduções específicas. Insiste-se, de todos modos, que a análise qualitativa não implica a eliminação de qualquer forma de quantificação, somente os índices são retirados de modo não freqüencial, tendo-se em consideração, ainda assim, a frequência de algum tipo de léxico.

2.3. Método de recolha do material

A investigação que se apresenta é uma análise de conteúdo de carácter qualitativo, para a que se utilizaram os jornais diários

10. Vala, Jorge: «A análise de conteúdo». In Silva, Augusto Santos; Pinto, José Madureira [orgs.]: *Metodologia das Ciências Sociais*. Lisboa: Afrontamento, 1999, p. 103.

portugueses de grande circulação: *Jornal de Notícias*, *Diário de Notícias* e *Público*. Se bem que se acostuma englobar os dois últimos dentro da categoria de diários «de referência» ou «elite» e o primeiro entre os «populares», neste trabalho preferiu-se equiparar o *Jornal de Notícias* aos outros dois (pois tem mais similitudes com estes que com «homólogos» como *O Correio da Manhã* ou o *24 horas*). Pensou-se que este tipo de imprensa poderia aportar uma imagem mais sóbria e representativa do discurso predominante. Do mesmo jeito pretendeu-se chegar a um equilíbrio entre o *Diário de Notícias* (que apesar de ter uma delegação no Porto, está mais inclinado a cobrir as necessidades informativas de Lisboa e do Sul) e o *Jornal de Notícias* (decano da imprensa «regional» do Norte, aliás, com uma delegação importante em Lisboa). O *Público*, que precisamente em 2000 oferecia um sistema de edições territoriais, seria o ponto intermeio¹¹.

Escolheu-se a primeira metade de 2000 em primeiro lugar, e além do intrinsecamente significativo desse ano, porque se pretendia dalguma forma dar continuidade ao estudo *A imaxe de Portugal e Galicia na prensa dos dous países*, no que se analisaram, como já se indicou, as imagens que a imprensa portuguesa gerou sobre a Galiza durante o ano 1999. Em segundo lugar porque se pretendiam evitar grandes eventos mediáticos como o foram naquele ano o *Xacobeo 99* e os jogos de futebol entre o Benfica e o Celta (ainda que se deva reconhecer que o fato de Compostela ser Cidade Européia da Cultura durante 2000 e que o Deportivo da Corunha ganhasse o campeonato espanhol de futebol, sim, podem ter provocado certo grau de distorção). Finalmente, resultava conveniente já que se estava a realizar uma outra pesquisa (também apresentada nesta edição do Luso-Galego) cujos materiais de análise correspondiam a este período, pelo que deste jeito se conseguiu otimizar o esforço.

11. Quantitativamente esta suposição confirmou-se quase matematicamente na prática, pois a média de notícias por mês do *Público* é a metade da do *Jornal de Notícias*, enquanto a do *Diário de Notícias* é a metade da do *Público* (ver tabela 1). Desde o ponto de vista qualitativo os resultados são similares, de forma que o *JN* é o que reflete a visão mais próxima à Galiza e o *DN* a mais afastada, sendo o *Público* o ponto meio entre os dois.

Tabela 1. Unidades de análise por meses

Meses	<i>Jornal de Notícias</i>	<i>Diário de Notícias</i>	<i>Público</i>	Total
Janeiro	14	4	6	24
Fevereiro	9	2	9	20
Março	10	5	10	25
Abril	9	1	9	19
Maio	11	5	11	27
Junho	8	0	8	16
Meia por mês	10	2,8	5,1	5,9
TOTAL	60	17	31	108

Para a pesquisa selecionou-se uma mostra dos jornais compreendida entre os meses de Janeiro e Junho de 2000 (ambos inclusos), o que supõe um total de 543 exemplares. Deles extraíram-se as unidades de estudo, que são todas aquelas peças jornalísticas, desestimando publicidade e propaganda, cartas ao diretor e informação de serviços, que abordaram acontecimentos, problemáticas ou idéias que tiveram lugar na Galiza ou que envolvessem a pessoas galegas, impliquem ou não estas a Portugal, portugueses ou a terceiros. Em total analisaram-se 108 unidades.

3 RESULTADOS: O QUE DIZEM DE NÓS

3.1 *Quem somos. A nossa identidade*

Uma das primeiras questões que se pretendeu resolver, ou quanto menos planejar, é a da identidade da Galiza e dos galegos na imprensa portuguesa. Além da utilização das tradições próprias da Galiza (em ocasiões comuns a Portugal) com fins narrativos e estilísticos, na mostra analisada percebe-se certa distinção na utilização das formas Galiza/Espanha e galego/espanhol, distinção que,

junto com outras questões, será abordada neste apartado. Em ocasiões, as publicações sobre as que se trabalhou fazem uma politização (no sentido da identidade coletiva) dos assuntos relacionados com a Galiza que até pode semelhar exagerada. Um caso curioso e que aparece nos três jornais é o da vitória do Deportivo da Corunha na liga espanhola. No *Público* (21/05/2000, p. 43) fala-se da Galiza como «uma das mais periféricas [províncias] e menos prósperas regiões de Espanha» de modo que «o triunfo dos galegos representa[sse] também uma resposta à hegemonia do eixo Madrid-Barcelona», sendo o Deportivo a primeira equipa galega que «reivindica [o título] em nome da periferia». *JN* e *DN* realizaram comentários similares sobre as comemorações que se «espalharam por toda a Galiza para assinalar uma conquista de forte carácter regional» na que «a Galiza afirmou-se definitivamente e atraiu os olhares mundiais» (*DN*, 21/05/2000, p. 42).

De outra banda, à Galiza atribuem-se-lhe ao longo da mostra analisada uma série de condições administrativas (no sentido territorial) do mais variado e que em ocasiões ficam um bocado alongadas da realidade. Nos três jornais analisados, a opção preferente, como demonstra a quantificação realizada (ver tabela 2), é simplesmente o termo «Galiza», sem nenhum tipo de complemento.

Ainda assim, os resultados são matizáveis. Enquanto o *Diário de Notícias* e o *Jornal de Notícias* utilizam quase exclusivamente esta fórmula (o *JN* utiliza em só uma ocasião a forma «região» e em duas a de «comunidade autónoma», sendo esta publicação a única que a inclui), o *Público* utiliza também as formas «província» (absolutamente incorreta, considerando o fracasso imediato do movimento provincialista no século XIX!) e «região» com certa frequência. Ainda que este último termo tenha uma definição um tanto imprecisa e que em Portugal a sua utilização não levante nenhum problema (ao contrário que no Estado espanhol, onde a sua utilização poderia, inclusive, tocar sensibilidades dependendo do território ao que se refira), é visível como o *JN* evita a sua utilização, procurando formas mais simples ou corretas (é o caso do termo «comunidade autónoma»). *Público* e *DN* semelham estar um bocado mais «confusos». Em alguma ocasião o *Público*

inclusive inseriu, com poucas linhas de separação, os termos «região» e «província» (*Público*, 21/05/2000, p. 43). Pela sua banda, o *DN* concebe em ocasiões a possibilidade de que os seus leitores não façam idêa de onde está a Galiza, colocando entre parênteses a aclaração «Noroeste» (*DN*, 15/01/2000, p. 20 e 14/03/2000, p. 11).

Enquanto os problemas de localização geográfica são pontuais (e estariam reduzidos a algum segmento dos leitores do Sul¹²), os problemas de identificação do *status* político-administrativo da Galiza são maiores. Isto é compreensível devido às diferenças entre o sistema administrativo territorial do Estado espanhol e do português. Em ocasiões aos termos «região» ou «província» acrescenta-se o adjetivo «espanhola», o que pode denotar o caráter político destas denominações. Por último, destacar só que no conjunto dos jornais, a forma «Espanha» para referir-se a feitos relativos à Galiza é a menos utilizada.

Tabela 2. Denominações

Denominações	<i>Jornal de Noticias</i>	<i>Diário de Noticias</i>	<i>Público</i>	Total
Galiza [apenas]	35	9	7	51
Região	1	0	4	5
Província	0	0	3	3
Comunidade Autónoma	2	0	0	2
Galiza (Noroeste)	0	2	0	2
País/ Terras galegas	1	0	1	2
Espanha	0	0	1	1

No aspecto geográfico e humano não deixa de ser curiosa a matização, em algumas notícias, que se faz sobre a vizinhança da

12. Pense-se que muitos leitores galegos teriam idênticos (ou mais graves!) problemas se tivessem que localizar a Beira ou o Alentejo, por exemplo.

Galiza. Além das peças nas que se abordam as relações de vizinhança ou cooperação entre vizinhos das zonas arraianas, existe uma tendência a utilizar (sem justificação aparente, pois dificilmente pudera existir alguma confusão com «outra» Galiza que não fosse a vizinha) o elemento de vizinhança entre Galiza e Portugal, galegos e portugueses. Pode-se ver mediante alguns exemplos: «... em Santiago de Compostela, na vizinha¹³ Galiza...» (*Público*, 07/02/2000, p. 28); «... aumento do investimento na vizinha Galiza» (*JN*, 15/03/2000, p. 4); «... enquanto na vizinha Galiza, o mesmo ronda as 16 pesetas» (*JN*, 12/4/2000, p. 22) e inclusive um titular, «Artesão portuense vende mini-sapatos a vizinhos galegos» (*JN*, 22/04/2000, p. 32). A proximidade geográfica também é um fato que em ocasiões se quer remarcar, o que pode ser uma estratégia discursiva para aproximar os fatos que se noticiam ao leitor. Sirva a seguinte peça do *Público* como exemplo:

Quem quis comprar pão ou abastecer-se de gasolina não teve mesmo outro remédio se não o de atravessar a fronteira e ir a Valença, ali mesmo ao lado. (10/12/2000, última página)

E é que a imprensa portuguesa parece perceber (e atribua-lhe a sua importância) ao fato da vizinhança entre os dois países e as suas gentes, seja esta para bem ou para mal. Como exemplo, que sirva uma peça do *Jornal de Noticias* sobre os problemas com a pesca da lampréia no rio Minho (19/01/2000, p. 29) na que se assinala como as fricções com os «vizinhos da outra margem» a causa do conflito pesqueiro «vêm esfriando as tradicionais relações de boa vizinhança entre galegos e alto-minhotos nas zonas ribeirinhas do rio Minho».

Outro assunto a tratar neste apartado, do mesmo jeito que se abordou a identidade do território, é a identidade do galego, como indivíduo ou como ente coletivo. A quantificação dos dados permite afirmar que a opção «galegos» para denominar os habitantes, empresas, instituições, vilas e cidades da Galiza é majoritária,

13. Os sublinhados são nossos.

com mais de o dobro das ocorrências (ver tabela 3). Ainda assim, é preciso aprofundar no uso que se faz desta forma, da forma «espanhóis» e nas relações estabelecidas entre ambas.

Se bem que em umas ocasiões se utiliza o gentílico «galego» ao pé de «português» (*Público*, 21/01/2000, capa da edição do Porto) ou inclusive de «espanhol» (*Público*, 04/05/2000, p. 50), na maioria das vezes «galego» e «espanhol» utilizam-se independentemente. Se é só por acaso ou a diferenciação implica funções distintas é o que se pretende ver. Um dos poucos exemplos nos que «espanhol» se utiliza junto com «português» é numa notícia do *Público* intitulada «Nova estrada vai ligar Bragança à Galiza» na que se afirma que «os povos raianos português e espanhol têm grandes afinidades e as relações entre eles poderão-se perder se não existirem vias de ligação que permitam um contacto fácil» (15/05/2000, p. 65). Ainda assim, tenha-se em consideração que a «raia» entre os Estados espanhol e português não se limita apenas ao território galego, abarcando um conjunto mais amplo de povos. O caso contrário pode-se encontrar no mesmo jornal poucos dias antes, quando se abordam as previsões de turistas portugueses na Galiza, assinalando que «ao nível de teatro está previsto que tenham lugar mais de 30 representações com as principais companhias galegas e espanholas». Aqui o que se pretende é discernir entre o que é «espanhol» daquilo que é «galego» (*Público*, 04/05/2000, p. 50).

Tabela 3. Identidade

Denominações	<i>Jornal de Notícias</i>	<i>Diário de Notícias</i>	<i>Público</i>	Total
Galegos	34	8	27	69
Espanhóis	14	1	15	30
Outros	0	0	1	1

Um caso significativo da distinção sutil entre «espanhol» e «galego», até o ponto que em muitas ocasiões semelham mais bem termos antônimos que sinônimos ou complementares, é a peça do

Público «Espanha trava regresso da cabra brava ao Gerês» (08/04/2000, p. 23). Nela expõe-se a pouca disposição que o Estado espanhol tem para «fornecer os exemplares que permitam o regresso da cabra-montês» a Portugal. Este problema secular, que já o Presidente da República Américo Thomaz tentara arranjar com Franco pela via diplomática, cobra atualidade quando três animais fugiram «de um pequeno cercado espanhol existente junto à fronteira da Portela do Homem» passando para o lado português. Na peça critica-se com força tanto ao «Estado espanhol» como aos «responsáveis espanhóis» que «continuam a adiar a libertação das cabras» e aos «caçadores espanhóis» (olho! não os galegos!), grandes responsáveis, pois as pressões que exercem «junto da administração estatal no sentido de impedir a reintrodução da cabra-montês» devem-se ao fato de este animal ser «abundante no centro, sul e este da Espanha [e não na Galiza]» constituindo «um valioso troféu, que, por agora, é exclusivo daquele país». Em contraposição a estes «caçadores espanhóis» o *Público* assinala o que não se conseguira pela via diplomática

tornou-se possível da forma menos inesperada: pela calada da noite, alguém (desconfia-se de caçadores galegos) derrubou o cercado, tornando possível a fuga das cabras (a versão oficial é outra: o macho terá entrado em stress e rebentado a vedação).

O papel atribuído, neste caso, a caçadores galegos e espanhóis é antagônico. Enquanto os primeiros são descritos, numa narração quase «épica», como os artífices do «milagre» da cabra-montês regressar ao Gerês (foram quais foram as suas intenções), os caçadores espanhóis (assim como o governo e os seus técnicos) são os «vilões» que pretendem impedir o que é justo por egoístas afãs de «prestígio nacional».

Outro exemplo, que mostra alguns paralelismos com o anterior e que será analisado com mais calma em apartados posteriores, é o do apuro por mercar gasóleo nas pompas do Norte de Portugal que teve lugar a princípios de 2000. Para esta notícia o *Público* optou por um titular impactante, «A invasão espanhola», e

por utilizar a totalidade da capa da edição do Porto com o título «Galegos esgotam gasóleo no Alto Minho» (19/02/2000, p. 47). É curioso que o termo «espanhol» se utiliza só no titular da notícia principal e no *lead* de outra pequena notícia («Gasolina compensa em Espanha») na que se voltava a empregar o símbolo da invasão («...os espanhóis invadem os postos de abastecimento...»). Assim, o adjetivo «espanhol» só se utiliza em duas ocasiões em toda a página, em ambas complementando a um termo forte, como o é «invasão», com conotações negativas, enquanto no resto do corpo se utiliza a denominação «galegos». Sirvam como exemplos o próprio antítítulo («Galegos fazem filas para comprar gasóleo mais barato no Alto Minho»), o *lead* («Portugal está na moda em terras galegas. Por causa de o gasóleo custar menos 18 pesetas por litro, as gasolineras do Alto Minho não têm mãos a medir face a tanta procura por parte dos galegos») ou mesmo «os galegos passaram a recorrer meia dúzia de quilómetros para atestar o depósito com gasóleo português».

Há ocasiões nas que se usa o termo «espanhol» por impossibilidade de discernir a procedência dos sujeitos da notícia (ainda que se saiba com certeza que uma parte seja de galegos). É o caso da polémica suscitada pela contratação de médicos «espanhóis» na Sub-Região de Saúde de Braga. Numa primeira notícia (*Público*, 04/01/2000, última) o jornal vale-se de uma citação («Tínhamos 12 médicos espanhóis nos centros de saúde do distrito de Braga, na sua maioria galegos») para argumentar o fato de que os médicos tinham respondido às necessidades dos utentes «quer pela capacidade teórico-prática evidenciada, quer pela fácil adaptação sócio-cultural e linguística», supondo a proximidade (senão unidade) linguística entre as falas da Galiza e Portugal¹⁴. O mesmo título é indicativo: «Braga: Sub-Região de Saúde contrata médicos galegos».

14. Tenha-se em conta que a imprensa portuguesa não é de todo alheia ao movimento reintegracionista na Galiza (ao que em ocasiões tem outorgado uma relevância significativa). Na mostra utilizada encontramos um exemplo. *O Público*, numa notícia breve («BNG nega conexões com PRD», 08/04/2000, p. 5) na que pretendia retificar uma informação publicada num despece a uma entrevista com António da Cruz Rodrigues, Presidente do Partido Nacional Renovador, (03/04/2000, p. 6) no que se

Praticamente um mês depois o assunto volta ao jornal, com um tom totalmente distinto: «Médicos espanhóis não têm que saber português» era o titular desta notícia publicada pelo *Público* (08/02/2000, p. 22). Nela, muito ao contrário das insinuações de proximidade entre galegos e portugueses (no campo lingüístico e sócio-cultural), não se utiliza em nenhuma ocasião o termo «galego» e lamenta-se que «os médicos espanhóis que têm vindo a ser admitidos em unidades de saúde do Norte de Portugal não são obrigados a declarar, explicitamente, que dominam a língua portuguesa». O próprio responsável de saúde, que um mês antes tão bem falara dos médicos espanhóis, agora reconhecia que «naquele ponto, o processo de admissão dos espanhóis pode ser “pouco rigoroso”» pois «apenas têm que subscrever uma declaração na qual, “implicitamente”, garantem que falam e percebem o português».

Um caso distinto dá-se quando se entra a falar de cidadania. Numa notícia do *Público*, intitulada simplesmente «Galego condenado», diz-se que um tribunal português «condenou ontem o cidadão espanhol Juan Miguel Garcia dos Santos» e a «outro galego» por tráfico de estupefacientes. Tanto no titular como no corpo é majoritária a forma «galego» para referir-se aos dois condenados enquanto «espanhol» diz apenas da cidadania, questão relevante ao tratar-se de um assunto judicial.

Finalmente, depois de ter analisado a mostra, pareceu apropriado fazer uma pequena incisão na questão toponímica local galega. Quisemos saber como os jornais sobre os que se trabalhou grafavam os topônimos galegos ou, noutras palavras, como de «desatualizados» estão os mapas da Galiza dos que dispõem. O certo é que os resultados foram mais positivos do que se esperava, predominando a utilização das formas corretas, mas ainda assim

afirmava que o Secretário da Convenção Nacional desse Partido, José David Araújo, tinha conexões com o BNG, dizia-se (apesar de não vir ao caso) que um dos entrevistados «fez questão de recordar que, na Galiza, o chamado ‘reintegracionismo’ visa evitar a deriva linguística num rumo castelhanizante preservando as origens do idioma, comuns ao português».

não deixa de haver uma quantidade considerável de erros e confusões.

Um fenómeno compreensível (e com o que alguns galegos sem dúvida simpatizaram) por questões tipográficas e de compreensão é a troca dos «ñ» por «nh» em casos como o de Corunha (*JN*, 09/01/2000, p. 69) ou Tuminho [sic] (*Público*, 19/02/2000, p. 47), ainda que não seja regra geral, pois Porriño costuma-se escrever com o caractere espanhol (*Público*, 10/02/2000, última), (*JN*, 11/06/2000, p. 22). O caso da Corunha é o mais curioso, pois aparece das mais variadas formas: Corunha (*Público*, 21/05/2000, p. 43), A Corunha (*JN*, 03/05/2000, p. 27) e inclusive La Corunha (*Público*, 21/05/2000, p. 43). Outra forma que se presta a confusões é Tui, em ocasiões grafada corretamente (*Público*, 19/02/2000, p. 47), (*JN*, 10/02/2000, p. 17) e em ocasiões não, utilizando a forma Tuy (*JN*, 19/01/2000), (*Público*, 19/02/2000, p. 47). Aparecem erradas na quase totalidade das ocasiões nomes de vilas como A Guarda (La Guardia: *Público*, 19/02/2000, p. 47) e Vilagarcía de Arousa (Villagarcía de Arosa: *Público*, 07/04/2000, p. 19 e *DN*, 23/03/2000, p. 24). Outras formas susceptíveis a confusão, como pode ser Ourense, aparecem sempre grafadas corretamente (*JN*, 16/02/2000), (*JN*, 14/04/2000, p. 32).

Em ocasiões inclusive se intercalam fórmulas toponímicas que inicialmente poder-se-ia supor desconhecidas para os portugueses. É o caso do *Jornal de Notícias*, que em alguma ocasião utiliza a denominação «cidade olívica» para referir-se a Vigo (*JN*, 28/01/2000, p. 44), o qual denota um grau de familiaridade elevado (ou isso supõem os redatores) com as questões galegas por parte do leitor português. Assim, apesar de erros pontuais, na mostra analisada predomina um uso correto da toponímia galega, o que pode ser um indicador de bom conhecimento da realidade galega por parte dos jornalistas portugueses (ou quanto menos à disposição de materiais atualizados sobre a Galiza).

3.2 *Como somos. O nosso carácter*

Como se deixou entrever no apartado anterior, a imagem da Galiza e do galego na imprensa portuguesa é, em linhas gerais,

positiva, podendo conlevar uma carga semântica distinta, de mais proximidade e simpatia do que o «espanhol», em sentido amplo. Neste apartado pretende-se aprofundar na caracterização que se faz da Galiza e dos galegos e de como a maneira de ser dos habitantes a norte do Minho (tal e como é percebida pelos jornalistas portugueses) influi e é refletida no discurso. Também se quis incidir no modo em que na imprensa analisada se utilizam aspectos do caráter, das tradições e das relações galego-portuguesas como recurso no discurso jornalístico, assim como nas suas finalidades.

Insiste-se que, ainda que em linhas gerais a imagem do galego seja positiva, nem sempre é assim que se retrata. Se bem que no apartado anterior já se tenham abordado algumas notícias nas que existe algum tipo de conflito entre galegos e portugueses (contratação de médicos, pesca da lampréia etc.) tentou-se revê-las e analisar algumas mais procurando especificamente a caracterização do galego.

Um bom exemplo de caracterização com uma tendência negativa é a já mencionada notícia sobre a procura de gasóleo português por parte de automobilistas galegos. Apesar de que o fato de os galegos terem preferência por comprar os seus combustíveis em Portugal semelhe uma boa notícia (pois leva capital para a zona e impostos para o governo português), o tom é muito negativo, incidindo de forma um tanto rebuscada nos aspectos mais «negros», quando o lógico seria mais bem o contrário. O título mesmo, «A invasão espanhola», é significativo (*Público*, 19/02/2000, p. 47), mas o mais interessante reside no corpo, que se constrói através de pequenas entrevistas a galegos que fazem filas nas gasoleiras fronteiriças¹⁵. O primeiro parágrafo marca a pauta a seguir:

15. Este seria um caso típico de argumentação mediante polifonia, nomeadamente através da repetição polifônica de citações (produzindo encastramentos ou dialogismos) nas que a preocupação do autor do texto é a de diversificar o mais possível as fontes (diversificação social, profissional, econômica...). Para ver esta questão, sugere-se Rebelo, José: *O discurso do jornal. O como e o porquê*. Lisboa: Editorial Notícias, 2000 (p. 67 e 88-89).

Luí Diegues não é propriamente um necessitado. À beira dos 30 anos, vai no quarto ano de carreira como professor de ensino secundário e aufere um vencimento mensal de 230 mil pesetas, ou seja, 275 contos e uns trocos. Mas ontem de manhã, ao volante do seu Mercedes, era apenas um dos vários automobilistas que perdiam largos minutos¹⁶ enfileirados na direcção do depósito de gasóleo de um posto de combustíveis da BP, em Valença.

Só com esta descrição bastaria para fazer-se uma idéia de que este galego é um bocado avarento. Trata-se de uma pessoa de classe média alta, com dinheiro e inclusive um carro de luxo, que, no entanto, opta por cruzar a fronteira e «perder largos minutos» por poupar umas pesetas. Tudo bem. Mas avançando um parágrafo na notícia encontramos com a seguinte situação:

Luí Diegues, que ontem ao fim da manhã deu mais um salto a Valença, poupou muito mais. É que, à semelhança do que fazem muitos outros compatriotas, levou consigo na mala traseira do automóvel vários bidões que também atestou. Ao todo, levou 230 litros, pagos em pesetas – moeda aceite nos estabelecimentos portugueses fronteiriços, assim como o escudo no lado espanhol. O transporte de combustível fora do depósito dos veículos é ilegal, mas o automobilista não se importa de desafiar as autoridades e ousou mesmo levar uma das vasilhas mal fechadas. «Conduza com muito cuidado», advertiu o gasoleiro.

Além de avarento, resulta que este galego, «à semelhança do que fazem muitos outros compatriotas», é um criminoso e um temerário. Além de «desafiar as autoridades», põe em perigo a sua vida e a de outros condutores (piorando uma ação já de por si perigosa levando «uma das vasilhas mal fechadas»). Tudo isto, de novo, por poupar umas pesetas. Um par de parágrafos mais adiante apresenta-se-nos ao

conductor de um pesado, que deixou para o gasóleo todo o dinheiro que possuía: onze mil escudos e mil pesetas. «Só não levo mais

16. Os sublinhados são nossos.

porque não tenho mais dinheiro e o meu cartão de crédito não funciona aqui», explicou o camionista de Pontevedra, estreado na caça ao combustível português.

Aqui, a febre por gasóleo português parece quase uma dependência química que os toxicômanos, em pleno *delirium tremens* causado pela síndrome de abstinência, pretendem acalmar. Em ocasiões, o autor desta peça inclusive se permite ironizar, descrevendo o caso de uma professora de primária que «apanhou uma pequena decepção quando chegou ao posto da Galp, situado a poucos metros da fronteira, e soube que o gasóleo tinha esgotado. Teve de percorrer mais um quilómetro até ao posto da BP, onde pagaria 93 pesetas por litro, mais uma peseta do que na outra gasolinera».

Além das notícias nas que galegos se vêm envoltos em assuntos de narcotráfico¹⁷ (*Público*, 07/04/2000, p. 19), em alguma ocasião também são descritos como violentos, inclusive irracionalmente violentos. É o caso de uma peça do *Jornal de Notícias* (10/01/2000, p. 68) intitulada «Espanhóis do Liceo com mau perder» na que se refere à «vitória do Óquei de Barcelos, frente ao Liceo da Corunha (6-1) [que] provocou uma reacção inusitada dos espanhóis». Note-se, sem embargo, que em nenhum lugar, ao contrário do que acostuma a fazer o *JN* em notícias relacionadas com a Galiza, se fala de «galegos» para referir-se aos implicados.

Ainda que não sejam muito comuns, os conflitos entre galegos e portugueses existem e transcendem em ocasiões aos meios de comunicação. Um caso paradigmático, ao que o *Jornal de Notícias* outorga grande importância (com uma página inteira e referência na capa: «No rio Minho sobram problemas onde falta lampreia»), é o da problemática da pesca da lampréia em águas do Minho (*JN*, 19/01/2000, p. 29), redatado, esta vez, num tom predominantemente neutro. Os galegos queixam-se «da utilização de

17. No trabalho de López, Sousa *et al.* (2002) assinala-se nas conclusões que a imagem positiva de Galiza «somente se vê nubrada, de xeito puntual, por cuestións como o tráfico de drogas» (p. 221). A presente pesquisa indica sem embargo a existência de um leque um bocado mais abrangente.

redes de saco (proibida) para a apanha (...), por parte dos profissionais portugueses» enquanto «as associações ecologistas galegas responsabilizam os pescadores portugueses por estas práticas ilegais», mas desde o *JN* procura-se deixar a balança nivelada criticando a «desigualdade flagrante, resultado da permissiva autorização de cada marítimo galego poder fainar só no seu barco, o que é vedado aos portugueses [pelo novo regulamento de pesca internacional para o rio Minho]»:

Contudo, não se pode afirmar que apenas os portugueses infringem os regulamentos. Os vizinhos da outra margem também têm culpas no cartório. A propósito, um responsável pela Associação de Profissionais da Pesca refere que «há mais de 40 “telas de saco” espanholas no rio» e curiosamente quando aparece a ronda da Marinha desse país, esses pescadores não vão pescar.

Os conflitos, como não podia ser doutra forma, emanam também das relações políticas e econômicas. Ainda que de novo o tom dominante é o de boas relações no marco da Euro-região (como já se vislumbrava no trabalho de López, Sousa *et al.*, 2002, p. 48), o certo é que, como se verá no seguinte apartado, existem diferenças entre as relações comerciais e as políticas, tendendo as primeiras a ser consideradas positivas enquanto as segundas negativas, devido as desigualdades de poder existentes entre Galiza e Norte de Portugal e a pouca iniciativa dos galegos em apoiar projetos comuns em outras.

O tema das relações políticas é constante ao longo da mostra. Ainda que em muitas das ocasiões nas que a questão sai à luz (usualmente devido a alguma reunião ou encontro institucional) a visão em conjunto não é de todo ruim, insistindo-se nos laços de união (um caso exemplar é a notícia intitulada «Norte e Galiza são uma região», *Público*, 03/05/2000, p. 51). Uma queixa recorrente dos políticos portugueses são as desigualdades existentes:

Nuno Cardoso entende que, «para construir uma euro-região, têm de ser admitidas opções, que devem passar por um estreitamento das relações e não por um domínio de uma região sobre a outra» (*Público*, 03/05/2000, p. 51).

O problema semelha claro, como reza o título de uma outra notícia («Força política da Galiza é superior à do Norte»), já que «“existe um desequilíbrio de poderes na Comunidade de Trabalho Galiza/Norte de Portugal, devido à representatividade política que cada um dos responsáveis (Fraga Iribarne e Braga da Cruz) detém nos respectivos países”, a constatação pertence a Nuno Cardoso, presidente da Câmara Municipal do Porto» (JN, 29/04/2000, p. 33). O clímax desta problemática produz-se em junho, quando o *Jornal de Notícias* publica uma página inteira, com chamada na capa, sob o título «Norte e Galiza sem diálogo político» segundo a qual, segundo diz o subtítulo, os «protagonistas transfronteiriços não conseguem esconder o enorme contraste entre a barreira política e a barreira geográfica» 03/06/2000, p. 16). A situação, segundo a descreve este jornal, semelha crítica. Eis o *lead*:

Tão perto e, no entanto, tão longe. Apesar de serem zonas transfronteiriças, o norte de Portugal e a Galiza praticamente não se falam politicamente. Além de algumas iniciativas da Comunidade de Trabalho das duas regiões e da associação Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular, o diálogo acaba por se transformar num imenso monólogo ora falado em português ou em castelhano, conforme pôde constatar o JN junto de vários protagonistas da euro-região. O cenário torna-se ainda mais nublado quando se conclui que, entre partidos portugueses e espanhóis, o vazio é maior. E mais preocupante quando se sabe que, em termos econômico-financeiros, as relações estão de boa saúde e em constante evolução.

Uma afirmação chave é o fato de «a Galiza [ser] uma região com independência administrativa». E é que os portugueses do Norte, alguns ansiosos e decepcionados pelo fracasso do processo de regionalização no seu país (ânsia à que alguns jornalistas não são alheios), receiam o poder, por pouco que seja, que o governo autônomo galego tem frente ao governo central de Madrid. Isto se reflete em ocasiões quando se noticiam decisões relevantes dos governos autonômicos. Sirva como exemplo as notícias em referência à paragem biológica na pesca da sardinha, sendo «a Junta da Galiza, em coordenação com as comunidades autônomas de Astúrias e Cantábria», quem estuda a sua implantação (JN, 21/01/2000, p. 21),

«as comunidades autónomas da Galiza, Astúrias e Cantábria vão decidir amanhã a possível aplicação...» (*JN*, 26/01/2000, p. 24), «a administração galega insiste em impor uma paragem» (*idem*), «as autoridades galegas pretendem reduzir ao máximo de capturas diárias de sardinha pequena» (*JN*, 03/02/2000, p. 25) e inclusive (e sublinhemos que todas estas notícias estão extraídas do *Jornal de Notícias*, diário «regional» do Norte!) assinalam que

O Ministério espanhol [de Agricultura, Pesca e Alimentação] só fará (...) um trabalho de coordenação entre as distintas comunidades autónomas implicadas e o Governo português (*JN*, 21/01/2000, p. 21).

Enquanto as relações comerciais, embora na maioria dos casos se apresentam de forma positiva (salientando a cooperação), em ocasiões existem conflitos. Um caso curioso é o de duas notícias publicadas no *Jornal de Notícias* com apenas quatro dias de separação e nas que a situação apresentada é completamente distinta. Enquanto no dia 15 de Março (p. 4) numa notícia intitulada «Investimento cria distância para a Galiza» se descreve um presidente da Câmara do Porto «preocupado com a perda de competitividade da Região Norte e o aumento do investimento na vizinha Galiza» pois, «contas à parte, os números traduzem uma realidade entre a região Norte e a nossa vizinha Galiza» pelo que «“estamos todos muito preocupados com o facto de ser criado um fosso entre a Região da Galiza e o Noroeste Peninsular(...)”, lembrou Nuno Cardoso». Desde logo, as idéias do governo local do Porto não coincidem com as do governo central. Apenas uns dias depois, com motivo da apresentação do Anuário Estatístico do Norte e da Galiza (*JN*, 19/03/2000, p. 26), revela-se que

O Produto Interno Bruto do Norte de Portugal e da Galiza é o mesmo, mas a especialização das economias é muito diferente, apresentando «complementaridades altamente potenciadoras», disse, no Porto, a Ministra de Planeamento.

Relacionado com as relações econômicas está a questão das infra-estruturas e comunicações, questão tampouco isenta de divergências. Ainda que as duas partes destacam a sua importância nem sempre se está de acordo (ou, quanto menos, é o que indicam os meios de comunicação analisados). Enquanto no *Jornal de Notícias*, em referência ao «TGV entre Vigo e Porto, que reduziria o tempo do percurso a pouco mais de 30 minutos», se diz que este é «um sonho há muito reclamado por galegos (...) e nem tanto pelos portugueses, mais preocupados com a lentidão da Linha do Norte» (29/04/2000, p. 33), no *Público*, num artigo intitulado «Galiza prefere pendulares ao TGV» (21/01/2000, capa da edição local do Porto), a idéia que se transmite é a oposta. O *Público* deixa entrever como desde Portugal se faz uma aposta mais forte nas comunicações galego-portuguesas optando pelo TGV («o pendular é satisfatório, o TGV seria excelente» diz Mesquita Machado), enquanto a Galiza se inclina pelos comboios pendulares, relegando o privilégio da alta velocidade às conexões Galiza-Madrid e Porto-Lisboa-Madrid (preferindo ficar na sua endêmica condição de periferia e mostrando-se pouco empreendedora).

De todas formas e como se disse anteriormente, a representação predominante é positiva. Qualquer motivo é válido para fazer ênfase nas relações de boa vizinhança (já estudadas anteriormente) e as afinidades culturais entre os dois países. Sirva como exemplo o concerto de João Afonso em Vigo, «tão querido e admirado no país galego em tempos difíceis» (*JN*, 28/01/2000, p. 44), e a forma na que se refere à identidade nacional do galego, numa «endêmica luta pela preservação e reafirmação da identidade de um povo tão simples quanto puro» (*JN*, 03/04/2000, p. 44). Tanto o olhar de Portugal sobre a Galiza como o da Galiza para Portugal está envolto numa aura de respeito mútuo, admiração e até ternura. Isto em ocasiões traduz-se numa certa super-representação do movimento nacionalista. É o caso da cobertura das eleições a Cortes Gerais no Estado espanhol, na que a ênfase reside não em Madrid, senão em Compostela, como se pode deduzir do titular: «Fraga impõe-se nos votos dos galegos» (o que é curioso quando

nem era Fraga quem se apresentava!). A atenção do *lead* centra-se nos resultados do BNG:

O Partido Popular (PP) ganhou mais uma vez na Galiza e limitou muito a anunciada subida do Bloco Nacionalista Galego (BNG) à conquista de apenas mais um deputado, na província da Corunha, com o que os nacionalistas terão três lugares no Congresso de Madrid, em vez dos dois que tinham desde Março de 1996 (*JN*, 13/03/2000, p. 26).

Assim mesmo, as ações de cooperação entre galegos e portugueses são também vistas com bons olhos pois potenciam «o desenvolvimento e modernização das economias de ambas regiões» (*JN*, 16/02/2000, p. 26) de modo que «a possibilidade de conseguir conjugar esforços com a Galiza é por fim o corolário do esforço em motivar a ligação com a Galiza» (*JN*, 25/05/2000, p. 27).

Na construção das notícias semelha existir uma certa tendência a recorrer às tradições galegas para ilustrar os textos (como se de verdadeiras imagens se tratara). Em muitas ocasiões o que se consegue com isto é aproximar o leitor português à realidade da Galiza de forma clara e amena, pois as tradições comuns servem como excelente fio condutor. No entanto, percebe-se uma clara distinção entre o modo em que *Público* e *Jornal de Notícias* abordam as notícias relacionadas com a Galiza e o jeito em que o faz o *Diário de Notícias*, distinção que sem embargo nem resulta tão estranha considerando o afastamento existente, tanto geográfico como cultural, entre as populações do Norte e do Sul de Portugal.

Um caso-tipo pode ser o do Festival Intercéltico que em 2000 acolheu o Coliseu do Porto e que aparece descrito tanto no *Jornal de Notícias* como no *Diário de Notícias*. O *DN* diz, num tom um tanto distanciado, que «os espanhóis proporcionaram momentos de sublime animação» com a «música eminentemente galega dos Muxicas ganha[ndo] com o facto de não ter qualquer pretensão modernista» (*DN*, 03/04/2000, p. 43) enquanto o *JN* não poupa em elogios, utilizando um tom muito emocionado, quase de exaltação:

As vozes galegas dos Muxicas, carregadas pela emoção, transportam saudades, exprimem a tranquilidade das paisagens e instrumentos natais, possuem o entusiasmo das festas populares, a endémica luta pela preservação e reafirmação da identidade de um povo tão simples quanto puro. Há ali um lado épico que transporta consigo as lendas, a magia e o culto da natureza, de onde brota, leve e descontraidamente, a nostalgia das origens e um sedutor apego à terra onde se ouve o chilrear dos passarinhos e o cheiro a erva a invadir as narinas. (*JN*, 03/04/2000, p. 44)

Em outro tipo de notícias (isto é, que não abordem manifestações culturais nas que as tradições estejam mais ou menos explícitas) o uso pode resultar mais chamativo. Para a descrição do edifício que contém a Faculdade de Ciências de Comunicação da Universidade de Santiago de Compostela, obra do arquiteto português Siza, recorre-se às lendas tradicionais galegas na descrição da iluminação, com a que se cria «uma luz que em noite de luar fará lembrar um ritual de meigas –as bruxas galegas– entoando feitiços tão sedutoramente estranhos como este edifício» (*Público*, 01/03/2000, p. 27).

Do mesmo jeito, nem o futebol é alheio a este tipo de narrativa. Com a vitória do Deportivo da Corunha, quando «começou uma nova lenda galega: a da impossibilidade» (*Público*, 21/05/2000, p. 43), *JN* e *Público* utilizam as tradições galegas para ilustrar o acontecimento. Enquanto na primeira publicação, numa peça intitulada «Campeão com alhos e água benta», se recorre a uma tradição galego-portuguesa para descrever a atmosfera vivida no estádio, «com um relvado pigmentado de alhos (para afugentar os maus espíritos, como rezam as melhores tradições galegas) e as bancas repletas de azul e branco (...)» (*JN*, 20/05/2000, p. 56), a segunda impressiona aos seus leitores com o entorno sonoro:

Quando o primeiro golo chegou nos primeiros minutos, o estádio de Riazor, na Corunha, cheio nos seus 36 mil lugares, passou a

cantar a «rianxeira» e o «miudinho»: modinhas galegas de sentimento e saudade, mesmo tristeza, mas que na noite de sexta-feira e nas madrugadas de ontem foram cânticos de alegria. (*Público*, 21/05/2000, p. 43)

Em outras ocasiões este estilo é quase compulsório, como é o caso das tradições pascais minhotas, com cobertura salientável tanto no *Público* como no *Jornal de Notícias*. Ambos diários assinalam «as facilidades de relacionamento entre as duas margens do rio Minho» (*Público*, 26/04/2000, p. 40) e «a união de sentimentos entre minhotos e galegos» (*JN*, 23/04/2000, p. 33). O *Público*, no seu estilo habitual, não deixa de impactar aos seus leitores com descrições muito bem elaboradas:

...a atmosfera reflectia os sons de uma charanga galega, uma pequena 'orquestra' de sete músicos (quatro sopros, entre os quais dois saxofones, bombo e gaita-de-foles) oriunda dos lados de Pontevedra, indumentária em tonalidades escuras, que actuava num pequeno palco, em área abrigada.

Pode-se observar que o interesse pelas tradições comuns por parte dos diários analisados é notável. As festas do «antroido», celebradas no marco do Compostela 2000, são equiparadas ao «entrudo» português (*Público*, 22/01/2000, p. 27) e, quando o governo espanhol tentou impor as diretivas comunitárias sobre proteção de animais para impedir a realização de matanças do porco, «uma tradição da Galiza, que é comum ao nosso país» (*JN*, 12/01/2000, p. 24), o diário portuense fez-se eco dos protestos contra «uma medida que o Governo Galego tentou impedir, alegando a defesa da tradição».

3.3 O que fazemos. As nossas atividades

Os resultados da análise são muito próximos, senão coincidentes, aos acatados em pesquisas anteriores (nomeadamente as encabeçadas pelo professor Xosé López). Num dos seus últimos trabalhos (baseado na mostra [de 1999] que deu lugar à mono-

grafia da que se fala na introdução) assinala que «os temas que acadam unha maior presenza son os de deportes –fundamentalmente fútbol–, a cultura e os encontros ou reunións institucionais e/ou económicas entre institucións ou empresas dos dous países» (López e García Orosa, 2004, p. 3-4).

Estes temas são precisamente os predominantes nesta mostra, utilizando exemplares do ano seguinte. A categoria «Espectáculos, turismo e cultura de massas» está quase empatada com «Esporte (liga espanhola de futebol)», mas acrescentando os itens das categorias «Artes plásticas, arquitetura e artesanato» e «Manifestações culturais locais», o que se poderia considerar cultura no sentido amplo, levaria uma certa vantagem. Ainda assim, não se pode negar que o *status* de Cidade Européia da Cultura que Santiago de Compostela teve em 2000, justo um ano antes do que Porto, e outros eventos mais minoritários (como o Festival Intercéltico, celebrado também no Porto e com obrigada presença galega) podem ter aumentado um bocado as cifras correspondentes a um ano «normal» (se é que tal coisa existe).

O esporte seria o segundo tema mais recorrente, reduzindo-se este (tal como se discriminou na categoria) a notícias sobre a liga espanhola de futebol. Existem só mais duas notícias que tratam outras categorias ou atividades desportivas, o qual é significativo da relevância que a imprensa portuguesa (e os portugueses!) dão ao futebol, mesmo que não seja o seu. Dificilmente na imprensa galega ou espanhola se encontraria um seguimento similar do futebol nacional português. De todas formas são necessárias algumas esclarecimentos, pois a análise quantitativa pode levar a um erro de super-representação se se tem em conta exclusivamente o número de peças.

Em primeiro lugar, o certo é que a maioria das peças, salvando aquelas (poucas) que tratam a vitória do Deportivo da Corunha na liga espanhola, são de tamanho muito reduzido¹⁸ em comparação com as de outras temáticas. Em segundo lugar, poder-se-ia pensar que a vitória do Deportivo (do mesmo jeito que os jogos Celta-Benfica em 1999) poderia ter causado alguma distor-

ção nos resultados finais, mas não teve tanta repercussão. As notícias que se referem à vitória e às comemorações reduzem-se a meia dúzia, ainda que, isso sim, o percurso das equipas galegas durante os últimos meses analisados foi seguido com atenção pelos jornais, podendo ter certa influência na impressão geral. De todas formas, insiste-se que o objetivo principal desta pesquisa não era o de quantificar os fluxos de informação senão caracterizá-los, pelo que as leves distorções que certos eventos possam ter causado nas categorias de cultura e esporte (e que de alguma forma, deixando de lado o rigor matemático, inclusive se anulam mutuamente) não afetam os resultados.

O terceiro bloco do que falam Xosé López e Berta García Orosa («encontros ou reunións institucionais e/ou económicos entre institucións ou empresas dos dous países») estaria situado igualmente em terceira posição, juntando as categorias nas que estas questões estão incluídas: «Relações macroeconómicas (visões positiva e negativa)», «Proxectos transfronteiriços / comunicações», «Ensino / cooperação científica» e «Relações políticas (visões positiva e negativa)».

Sobre a caracterização de este tipo de eventos, assim como dos antes mencionados, pode-se recorrer aos anteriores apartados deste trabalho, nos que um número significativo de cada tipo foram analisados respondendo às outras perguntas planeadas.

Como se tem comentado em estudos anteriores, apesar da proximidade, a quantidade de informação sobre a Galiza e os galegos na imprensa portuguesa não é tanta como se podia esperar (devido assinalar que o número de peças na imprensa do Norte, nomeadamente o *Jornal de Notícias*, é muito mais elevado que o da imprensa baseada no Sul).

18. Este fato pode-se observar com mais precisão (pois indica-se o espaço físico ocupado pelas peças) no trabalho de López, Xosé (ed.); Sousa, Jorge Pedro; *et al.*, p. 36-38 e 46-51, comparando a superfície das notícias de desporto (em relação ao seu número) com a dos outros temas.

Tabela 4. Temas predominantes nas unidades analisadas

Quê fazemos para ser notícia?	<i>Jornal de Notícias</i>	<i>Diário de Notícias</i>	<i>Público</i>	Total
Espectáculos, turismo e cultura de massas	13	5	3	21
Esporte (liga espanhola de futebol)	7	4	9	20
Relações macroeconómicas (visão positiva)	7	0	1	8
Proxectos transfronteiriços / comunicações	4	1	3	8
Política interna / eleições	4	2	2	7
Artes plásticas, arquitetura e artesanato	2	1	3	6
Incidentes marítimos / recursos pesqueiros	5	1	0	6
Ensino / cooperação científica	5	0	0	5
Protestos sindicais	3	0	1	4
Relações macroeconómicas (visão negativa)	1	1	2	4
Atividades criminosas de portugueses na Galiza	1	1	1	3
Manifestações culturais locais	2	0	1	3
Relações políticas (visão negativa)	2	0	1	3
Esporte (outros)	2	0	0	2
Outros assuntos	1	1	0	2
Atividades criminosas de galegos em Portugal	0	0	1	1
Atividades criminosas diversas	1	0	0	1
Fluxo de recursos humanos (visão negativa)	0	0	1	1
Fluxo de recursos humanos (visão positiva)	0	0	1	1
Relações políticas (visão positiva)	0	0	1	1
TOTAL	60	17	31	108

Ainda que se concorde, em grande medida, com as conclusões de *A imaxe de Portugal e Galicia na prensa dos dous países*¹⁹, há algumas divergências que devem ser expostas. Contestada a sua pergunta inicial, sobre os fluxos de informação, que «non parecen reflectir con fidelidade o incremento dos lazos entre Galicia e Portugal e do interese dos portugueses polos galegos», salientam-se uma série de observações. A primeira delas indica que

A pesar da afectividade demostrada polos xornalistas portugueses con Galicia en conversas que mantivemos con eles, a forma do discurso da prensa portuguesa non parece contribuir de xeito relevante a marcar positiva ou negativamente a imaxe de Galicia ou das relacións entre Portugal e Galicia (López, Sousa *et al.*, 2002, p. 222).

A análise qualitativa, como se viu nos dois apartados anteriores, aponta para uma realidade um tanto distinta, pois em muitas ocasiões os jornalistas portugueses tomam uma atitude, mais ou menos marcada, sobre a Galiza e os galegos (seja esta positiva, como acontece na maioria dos casos, ou negativa). Esta atitude conleva a uma caracterização da Galiza e do galego em termos de diferenciação identitária, diferenciação muito marcada pelas relações de vizinhança e de analogia cultural com Portugal e com os portugueses.

Ainda assim, em ocasiões parece haver desigualdades flagrantes no tratamento do património cultural de ambos países (desigualdades que podem passar despercebidas pela imprensa). No *Jornal de Notícias* pode-se ver um exemplo claro deste problema, talvez relacionado com o estigma de inferioridade comum a galegos e portugueses. Enquanto se dedica uma página inteira a uma notícia que faz referência ao estudo da língua espanhola nas esco-

19. Nas conclusões diz-se que «a imaxe da comunidade galega proxectada polo [sic] prensa lusa é positiva para Galicia e para as relacións entre Portugal e Galicia». Indica-se que «Galicia adoita presentarse como un país, culturalmente moi activo, cun pasado histórico rico» e assinala-se que nos meios portugueses «se destacan de Galicia os fortes lazos con Portugal, económicos e políticos, principalmente a escala rexional e local». Galiza «aparece tamén como un país afanado no futuro, onde, por exemplo, Portugal recruta profesionais sanitarios altamente cualificados» (p. 221).

las de Valença, «Alunos de Valença optam pelo idioma de Cervantes» (12/02/2000, p. 32), destacando a importância que esta língua tem e as possibilidades que para os alunos abre no futuro, à outra, que informa sobre o fato de que «nove colégios da província galega de Ourense estão a administrar cursos de Língua e Cultura Portuguesa a 600 alunos da educação infantil, primária e secundária em colaboração com a embaixada de Portugal e a Secretaria de Educação da Junta da Galiza» só se dedica um pequeno quadro na margem inferior direita, acrescentando, além disso, (como se a língua portuguesa não pudesse ser de utilidade alguma para os estudantes galegos) que

o principal objectivo do programa é contribuir para elevar a autoestima de muitos alunos de origem portuguesa que estudam na Galiza e evitar que percam as suas raízes culturais (27/06/2000, p. 20).

Continuando com as divergências, no estudo de López também se faz referência ao «recrutamento de médicos e outros profissionais sanitarios galegos» como «outro dos temas frequentes na prensa portuguesa». Diz-se que «este tema pode dar unha imaxe positiva de Galicia e dos galegos» pois além de «encher os ocos que os portugueses rexeitan», como as «profesiões de saúde gozan de bastante prestígio, engrandécese a medicina galega e, por tanto, a Galicia». Aqui não se duvida que esta fora a imagem dos meios analisados naquela pesquisa e naquele ano concreto, mas o certo é que poucos meses depois a situação era um bocado distinta. Como se explicou no primeiro apartado, os médicos galegos (ou espanhóis) passaram de ser elogiados «quer pela capacidade teórico-prática evidenciada, quer pela fácil adaptação sócio-cultural e linguística» (*Público*, 04/01/2000) a ser criticados por não ser «obrigados a declarar, explicitamente, que dominam a língua portuguesa», num processo de admissão que pode ser, nesse ponto, «pouco rigoroso» (*Público*, 08/02/2000).

Ainda assim, tanto as infra-estruturas sanitárias como os centros académicos de ensino de medicina da Galiza, sim, parecem estar bem considerados na imprensa portuguesa. O *Jornal de Notícias*, numa notícia intitulada «Sete mil operações reduzem

esperas» (09/03/2000, p. 13), com referência na capa («Cirurgias são mais baratas na Galiza»), critica o sistema de saúde português, pois «houve cirurgias que custaram ao SNS o triplo relativamente às realizadas na Galiza» enquanto (*biba* o Norte!) a «ARS do Norte foi a única que promoveu um concurso internacional, o que permitiu que mais de três centenas de doentes tivessem sido operados na Galiza». Outra notícia, intitulada «Aprender espanhol ajuda a ser médico» (JN, 09/06/2000, p. 18), assinala como «Santiago de Compostela, Salamanca e Badajoz são os centros universitários mais solicitados» para os estudantes «ver concretizado o sonho de se fazerem médicos em terras “hermanas”». Num despece («Santiago é a mais solicitada») indica-se que

quanto a universidades, 95 escolheram a de Santiago de Compostela, já que apenas se podem candidatar a uma única instituição. A academia galega é a preferida, quer devido à proximidade, quer pelo facto de muitos docentes permitirem a realização de exames em língua portuguesa.

Em outra ordem de coisas e como se viu (sem que seja necessário repeti-lo mais vezes), a cobertura outorgada aos assuntos relacionados com a Galiza e com os galegos difere muito entre uns e outros jornais. Um caso significativo e que chama a atenção é o do trágico assalto à bomba no centro de Vigo que o *Jornal de Notícias* destaca inclusive com chamada na capa («Ataque terrorista em Vigo faz duas vítimas mortais») e utilização de infografia (09/05/2000, p. 24) e que os outros dois jornais analisados, incrivelmente, nem mencionam, apesar da «possibilidade, considerada numa fase inicial, de que o ataque teria sido responsabilidade de um grupo luso-espanhol». Finalmente a ação ligou-se aos GRAPO, caracterizados pelo JN como uma «organização, de extrema-esquerda, [que] está praticamente desarticulada em Espanha, mas conta com uma forte implantação na Galiza e já com muitas mortes em acções semelhantes».

A Galiza também parece ser um lugar com uma candente atividade sindical e política, à que os jornais portugueses se achegam com curiosidade e atenção. Um caso significativo é o da greve

geral dos operários da Gesrubber em Tui à que o *Jornal de Notícias* dedica uma página inteira (10/02/2000, p. 17) e o *Público*, na mesma data, uma notícia na última página, ambas incluindo fotografias. A aproximação é muito positiva com a ação sindical como indicam os titulares: «Tui abre os braços aos trabalhadores» (*JN*) e «Uma cidade em greve geral» (*Público*). Os habitantes são caracterizados como pessoas conscientes e implicadas no êxito das mobilizações:

E a solidariedade, ali, não brinca. «Se vens comprar lotaria, ao mercado ou ao médico, volta amanhã porque está tudo fechado», apressou-se a avisar um vizinho galego, instalado perto da ponte metálica (*DN*).

Enquanto a vila, esta é descrita como «uma cidade fantasma» na que «não se via viva alma nas ruas fustigadas por uma chuva miudinha e todas as lojas, cafés, restaurantes, conservaram as portas fechadas, das zero às 24 horas» (*Público*). No ativismo político, como vimos antes, a Galiza também parece ser muito viva²⁰. Inclusive, voltando ao tema das eleições a Cortes Gerais, até o *Diário de Notícias* faz eco dos movimentos nacionalistas, «Reforçados movimentos nacionalistas regionais» (14/03/2000, p. 11), indicando que «no outro extremo do País, na Galiza (Noroeste), o Bloco Nacionalista Galego (BNG) sobe de 12,8 por cento para 19,1 por cento dos votos». Dias mais tarde (24/03/2000, p. 14) volta a referir-se ao BNG numa notícia intitulada «Nacionalistas advertem a Aznar contra prepotência».

4 CONCLUSÕES

«Como são caracterizados a Galiza e os galegos na imprensa portuguesa?» é a pergunta base desta pesquisa. Em termos

20. Por outra banda, isto não deve surpreender tanto, pois em Portugal os partidos de caráter regional não estão admitidos no marco constitucional, vendo-se obrigados a atuar na semi-clandestinidade (é o caso de organizações políticas de tipo regionalista ou mesmo nacionalista como as existentes nos Açores ou em terras de Miranda do Douro). É lógico que os meios portugueses sintam curiosidade pelo ferdeiro de organizações nacionais e regionais existente no Estado espanhol.

gerais, a resposta, que seria um bocado simples demais, é que a visão predominante é positiva. Para aprofundar no significado de esta afirmação, o trabalho estruturou-se em três partes nas que se abordaram questões tão próximas (que em ocasiões os limites do que é uma coisa ou outra são incertos) como a identidade, o caráter e a ação. A conjunção das três deveria poder proporcionar-nos uma visão mais ampla de como são vistos os galegos e a Galiza na imprensa portuguesa.

A primeira pergunta (quem somos?) ficou mais ou menos esclarecida. No que concerne à identificação do país galego, a opção abrumadora é a de referir-se a ele simplesmente como «Galiza», sendo minoritárias outras opções como «região», «província» ou «comunidade autónoma», mas é significativo como o *Diário de Notícias* em ocasiões precisa de «auxiliar» aos seus leitores com a aclaração «Noroeste» enquanto o *Jornal de Notícias* e o *Público* fazem uso comum de formas como «vizinha Galiza», enfatizando a proximidade entre os leitores e os sucessos noticiados. Mais complexo é o uso dos apelativos «galego» e «espanhol», que parecem conlevar em ocasiões valores distintos ou até antagónicos. A amostra analisada parece indicar que, consciente ou inconscientemente, os jornalistas portugueses fazem um uso diferenciado de ambas formas, associando na maioria das ocasiões a segunda a acontecimentos ou termos negativos enquanto a primeira, seja por simpatias pessoais ou o que for, não só é respeitada senão que até é contraposta à outra, reservando-lhe o lado mais positivo e humano²¹ Neste apartado, também pareceu apropriado observar o uso da toponímia, chegando à conclusão de que os jornais analisados fazem um uso predominantemente correto, o que denota um bom conhecimento deste aspecto da realidade galega.

21. Uma das deficiências desta pesquisa, que não se corregiu por falta de tempo e recursos, é o não ter realizado entrevistas a jornalistas dos meios analisados, que sem dúvida resultam necessárias e ajudariam a esclarecer muitas das questões planteadas. Em peças concretas percebeu-se como o tratamento favorável pode dever-se mais bem a circunstâncias pessoais que às tendências gerais, devendo assinalar ademais que em alguma ocasião os jornais utilizam correspondentes galegos, o que sem dúvida condiciona o protudo resultante. Fica isto como cadeira pendente para a próxima chamada.

Na segunda pergunta (como somos?) aprofundou-se na caracterização do galego. Ainda que a caracterização predominante do galego seja boa, a mostra não estava isenta de peças negativas, nas que galegos são caracterizados como temerários, criminosos, violentos, irracionais, pouco empreendedores ou dominadores no campo político.

A Galiza e os seus habitantes são descritos como um povo com uma identidade nacional forte e marcada que apreciam e defendem com agarimo a sua cultura e tradições. Estas tradições são muitas vezes descritas como idênticas ou similares às dos portugueses, enfatizando as ligações históricas, sócio-culturais e linguísticas existentes entre os dois povos. Boa mostra disto é a utilização estética e retórica, aproximando os leitores e amenizando o discurso, que se faz das tradições galegas para ilustrar todo tipo de notícias. A Galiza também é descrita, sobretudo pelos jornalistas do Norte, como uma «região» com poder político forte e que defende os seus interesses frente ao governo central. Isto, que pode não responder exatamente à realidade, possivelmente se deva às aspirações de um modelo similar para Portugal (modelo que no momento estava em debate a raiz do processo de regionalização).

Ainda que, tendo em conta a interação existente entre as comunidades a norte e a sul do Minho, a Galiza e os galegos estejam provavelmente sub-representados na imprensa portuguesa, o leque de atividades nas que «nos vemos envoltos» é considerável. Ainda assim, as questões relacionadas com o lazer (esporte, nomeadamente a liga espanhola de futebol –que é seguida com grande interesse–, e as diversas atividades de caráter cultural –desde concertos até as exposições mais variadas) e com encontros ou reuniões entre instituições ou empresas de ambos países. Neste último grupo devemos assinalar que as de caráter econômico e comercial são caracterizadas quase sempre de forma positiva enquanto no campo político as divergências são maiores, o que dá lugar a peças de teor negativo. Além destes temas dominantes, existe uma ampla gama de notícias sobre as questões mais diversas (mobilizações políticas e sindicais, fluxo de recursos humanos – e

o célebre caso dos profissionais sanitários – ou atividades criminosas, bem sejam perpetradas por galegos em Portugal ou portugueses na Galiza). Galegos e portugueses vêem-se constantemente envolvidos, fortuita ou deliberadamente, uns com os outros, e os meios de comunicação social vão-se fazendo eco progressivamente dessa realidade.

É por isso que, hoje em dia, no marco das crescentes relações entre a Galiza e Portugal, são mais que necessários estudos que analisem os fluxos de informação entre os dois países e o modo em que uns e outros são representados. Como assinalam Xosé López e Berta García, faz-se «necesario o inicio dunha liña de investigación que permita observar cal é a imaxe que transmite a prensa de cada país do veciño». Senão uma monitorização permanente, deve-se fazer quanto menos uma atualização o mais regular possível do estado destas questões (seja o fluxo em geral ou a cobertura de acontecimentos e eventos concretos) através das Universidades e instituições académicas galegas e portuguesas e de organizações e associações comuns (como o Centro de Estudos Eurorregionais Galiza-Norte de Portugal, por exemplo), sendo necessário também que os organismos públicos dos dois países, e particularmente os transfronteiriços, impliquem-se e financiem estudos deste tipo, pois a sua importância é clave para a melhor compreensão e relacionamento entre as duas partes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERNÁNDEZ AREAL, Manuel (dir.); PENA RODRÍGUEZ, Alberto (ed.): *A Comunicación Social Transfronteiriza, II Seminario Europeo de Comunicación Social*. Pontevedra: Deputación Provincial, 2000.
- LÓPEZ GARCÍA, Xosé (ed.); [autores] SOUSA, Jorge Pedro... [et al.]: *A imaxe de Portugal e Galicia na prensa dos dous países*. Santiago de Compostela: Universidade, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2002.
- LÓPEZ GARCÍA, Xosé; GARCÍA OROSA, Berta: «A eurorrexión Galicia-Norte de Portugal a través das páxinas da prensa galega. Análise do discurso mediático transmitido polos xornais galegos». In *II Congreso Ibérico de Ciências da Comunicación - III Sopcom, A Covilhã, 21-24 Abril 2004 – Actas*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2004 (Arquivo para Acrobat Reader em CD-ROM).
- LÓPEZ MIRA, Álvaro Xosé (dir.): *Galicia e Portugal: a fronteira esvaída – Curso de Extensión Universitaria*. Ourense: Deputación Provincial, 2002.
- MAINGUENEAU, Dominique: *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARCO, Aurora: «Exemplificação das relações culturais entre Galiza e Portugal em jornais e revistas». In: RODRIGUES, António da Cruz... [et al.]: *Galiza Portugal – Uma só Nação*. Lisboa: Nova Arrancada, 1997, p. 171-182.
- POOL, Ithiel: *Trends in Content Analysis*. Urbana: University of Illinois Press, 1959.
- REBELO, José: *O discurso do jornal. O como e o porquê*. Lisboa: Editorial Notícias, 2000.

- RÚAS, Xosé: «Novas pontes de comunicación que tender». In LÓPEZ, Xosé; SOUSA, Jorge Pedro (coords.): *A investigación e o ensino do xornalismo no espazo luso-galego*. Actas do I Congreso Luso-Galego de Estudos Xornalísticos. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, 2004, p. 195-213.
- TORRES FEIJÓ, Elías J.: *A Galiza em Portugal. Portugal na Galiza a través das revistas literarias (1900-1936)*. Tese de doutoramento, Universidade de Santiago de Compostela, 1995.
- VALA, Jorge: «A análise de conteúdo». In SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira (orgs.): *Metodologia das Ciências Sociais*. Lisboa: Afrontamento, 1999.
- VV.AA.: «I Encontro de Jornalistas do Norte de Portugal e da Galiza». In *Cadernos de Jornalismo*, n.º 5, Junho de 1988, Porto: CENFOR – Centro de Formação de Jornalistas.
- VV.AA.: *Congreso Galicia e Portugal, a comunicación euro-rexional no Século XXI* [Santiago de Compostela: 26 e 27 de Novembro de 1999]. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia. Secretaría para as Relacións cos Medios Informativos, 2000.

ANEXO:
UNIDADES DE ESTUDO

PÚBLICO

Janeiro

<i>Data</i>	Pág.	Secção	Título
04/01/2000, Ter	últ.	Última	«Braga: Sub-Região de Saúde contrata médicos galegos»
09/01/2000, Dom	37	Desporto	«Corunha segura empate»
10/01/2000, Seg	30	Desporto	«Barcelona ganha em Vigo»
14/01/2000, Sex	25	Cultura	«Helena Almeida expõe em Espanha»
21/01/2000, Sex	Capa	Local Porto	«Galiza prefere pendulares ao TGV»
22/01/2000, Sáb	27	Cultura	«Compostela 2000 já mexe»

Fevereiro

<i>Data</i>	Pág.	Secção	Título
07/02/2000, Seg	28	Cultura	«Compostela 2000 com megafestival de rock»
08/02/2000, Ter	22	Sociedade	«Médicos espanhóis não têm que saber português»
10/02/2000, Qui	Últ.	Última	«Uma cidade em greve geral»
19/02/2000, Sáb	26	Cultura	«Convénio Porto-Santiago»
19/02/2000, Sáb	Capa	Local Porto	«Galegos esgotam gasóleo no Alto Minho»
19/02/2000, Sáb	47	Local Porto	«A invasão espanhola»
19/02/2000, Sáb	47	Local Porto	«Gasolina compensa em Espanha»

Março

<i>Data</i>	Pág.	Secção	Título
01/03/2000, Qua	capa	Capa	«Santiago de Compostela: Siza inaugura obra feliz e branca»
01/03/2000, Qua	26	Cultura	«A obra feliz de Siza»
01/03/2000, Qua	27	Cultura	«Um estranho corpo sedutor»
18/03/2000, Sáb	48	Economia	«Comércio cresce entre o Norte e a Galiza»
19/03/2000, Dom	41	Desporto	«Barcelona vence Corunha»
23/03/2000, Qui	37	Desporto	«Celta de Vigo em dificuldades»
27/03/2000, Seg	43	Desporto	«Corunha agarra-se à liderança»

Abril

Data	Pág.	Secção	Título
03/04/2000, Seg	6	Política	«O poder para daqui a 10 anos...»
07/04/2000, Sex	19	Sociedade	«Galego condenado»
08/04/2000, Sáb	5	Política	«BNG nega conexões com PRD»
08/04/2000, Sáb	23	Terra	«Espanha trava regresso da cabra brava ao Gerês»
26/04/2000, Qua	40	Local	«A cruz foi à margem galega numa Páscoa com três dias»

Maio

Data	Pág.	Secção	Título
03/05/2000, Qua	51	Local Porto	«Norte e Galiza são uma região»
04/05/2000, Qui	50	Local Porto	«Portugueses deixaram 38,5 milhões de contos na Galiza»
09/05/2000, Ter	25	Sociedade	«Família mantém oferta de dez milhões de pesetas»
15/05/2000, Qua	65	Local	«Nova estrada vai ligar Bragança à Galiza»
20/05/2000, Sáb	38	Desporto	«Deportivo campeão»
21/05/2000, Dom	43	Desporto	«Galiza festeja o seu campeão»
21/05/2000, Dom	43	Desporto	«O achamento do título»

Junho

Data	Pág.	Secção	Título
15/06/2000, Qui	31	Desporto	«Dusches poderá ir para a Corunha»

JORNAL DE NOTÍCIAS

Janeiro

Data	Pág.	Secção	Título
06/01/2000, Qui	34	De Norte a Sul	«"José Pedro" funda uma banda de gaitas»
09/01/2000, Dom	24	Sociedade	«Milhões participaram no Jacobeu 99»
09/01/2000, Dom	69	Desporto	«Corunha continua sem ganhar»
10/06/2000, Sáb	26	De Norte a Sul	«Barco de Espanha incendia-se no mar»
10/01/2000, Seg	58	Desporto	«Figo oferece a Van Gaal primeira vitória na Galiza»
10/01/2000, Seg	58	Desporto	«Três pontos separam Saragoça do líder Deportivo da Corunha»
10/01/2000, Seg	68	Desporto	«Espanhóis do Liceo com mau perder»
11/01/2000, Ter	30	De Norte a Sul	«Arqueológicas» do Vouga com cooperação espanhola»
12/01/2000, Qua	24	Economia	«Tradicional matança do porco proibida pelo Governo espanhol»
19/01/2000, Qua	Capa	Capa	«No rio Minho sobram problemas onde falta lampreia»
19/1/2000, Qua	29	De Norte a Sul	«Um rio de problemas na pesca da lampreia»
21/01/2000, Sex	21	Economia	«Pesca da sardinha proibida de novo»
21/01/2000, Sex	53	Desporto	«Barcelona venceu em Orense»
26/01/2000, Qua	24	Economia	«Recuperação da sardinha provoca divisões na Galiza»
28/01/2000, Sex	44	Espectáculos	«João Afonso de regresso esta noite a Vigo»

Fevereiro

Data	Pág.	Secção	Título
03/02/2000, Qui	25	Economia	«Sardinha na costa galega tem três meses de descanso»
09/02/2000, Qua	2	Segunda	«Ligações a Espanha com atrasos»
10/02/2000, Qui	17	Sociedade	«Tui abre os braços aos trabalhadores»
12/02/2000, Sáb	32	De Norte a Sul	«Alunos de Valença optam pelo idioma de Cervantes»
16/02/2000, Qua	26	De Norte a Sul	«Braga e Ourense de braço dado»
19/02/2000, Sáb	43	Cultura	«Duas cidades unidas pela cultura»
22/02/2000, Ter	13	Política	«Porto e Vigo acertam agulhas»
25/02/2000, Sex	27	Economia	«Minho e Galiza em rota de futuro»
26/02/2000, Sáb	42	Cultura	«Passo a passo de Barcelos até Compostela»

Março

Data	Pág.	Secção	Título
05/03/2000, Dom	29	Economia	«Espanhóis apostam forte no nosso país»
09/03/2000, Qui	Capa	Capa	«Cirurgias são mais baratas na Galiza»
09/03/2000, Qui	13	Política	«Sete mil operações reduzem esperas»
09/03/2000, Qui	50	Desporto	«Um mar de gente no Luso-Galaico»
10/03/2000, Sex	33	De Norte a Sul	«Operários espanhóis bloquearam ponte»
13/03/2000, Seg	26	Política	«Fraga impõe-se nos votos galegos»
15/03/2000, Qua	4	Grande Porto	«Investimento cria distância para a Galiza»
19/03/2000, Dom	29	Economia	«Anuário Estatístico do Norte e da Galiza»
19/03/2000, Dom	29	Sociedade	«Caudilho de cepa galega reinou quatro décadas»
27/03/2000, Seg	31	De Norte a Sul	«Escola Gallaecia liga-se à Galiza»
31/03/2000, Sex	44	Espectáculos	«Estreia de "A burla do galo" em Santiago de Compostela»

Abril

Data	Pág.	Secção	Título
01/04/2000, Sáb	35	Internacional	«Iribarne critica pacto nacionalista»
03/04/2000, Seg	44	Espectáculos	«Memórias ancestrais dos sons da Finisterra»
07/04/2000, Sex	44	Espectáculos	«Música basca e galega na Alvorada»
12/04/2000, Qua	22	Economia	«Batata preocupa organizações luso-galegas»
14/04/2000, Sex	32	De Norte a Sul	«"Lobby" luso-galaico luta por obras comuns»
22/04/2000, Sáb	32	De Norte a Sul	«Artesão portuense vende mini-sapatos a vizinhos galegos»
23/04/2000, Dom	33	De Norte a Sul	«Encontro de cruces portuguesa e galega no rio Minho»
28/04/2000, Sex	Capa	Capa	«De Porto a Vigo em hora e meia»
28/04/2000, Sex	18	Sociedade	«Apenas hora e meia entre Porto e Vigo»
29/04/2000, Sáb	33	Economia	«Força política da Galiza é superior à do norte»

Maio

Data	Pág.	Secção	Título
01/05/2000, Seg	60	Desportos	«Corunha caiu em Vigo e tem Barcelona à Perna»
03/05/2000, Qua	27	Economia	«Encontro empresarial entre Norte e Galiza»
04/05/2000, Qui	6	Grande Porto	«Turismo da Corunha visita o Norte de Portugal»
09/05/2000, Ter	Capa	Capa	«Ataque terrorista em Vigo faz duas vítimas mortais»
09/05/2000, Ter	20	Economia	«Especialistas luso-espanhóis defendem uso das pastagens»
09/05/2000, Ter	24	Sociedade	«Assalto à bomba no centro de Vigo»
10/05/2000, Qua	42	Espectáculos	«Pablo Milanés iniciou digressão pela Galiza»
13/05/2000, Sáb	55	Espectáculos	«Maria João Pires hoje e amanhã na Corunha»
20/05/2000, Sáb	37	De Norte a Sul	«Minhotos e galegos unidos no consumo»
20/05/2000, Sáb	56	Desporto	«Campeão com alhos e água benta»
21/05/2000, Dom	56	Desporto	«Pauleta nas asas de um sonho galego»
24/05/2000, Qua	34	De Norte a Sul	«Centro de arbitragem galaico-português»

Junho

Data	Pág.	Secção	Título
02/06/2000, Sex	49	Palco	«Galiza dá música»
02/06/2000, Sex	50	Palco	«A grande música de volta a Santiago»
02/06/2000, Sáb	Capa	Capa	«Norte e Galiza continuam sem diálogo político»
03/06/2000, Sáb	16	Política	«Norte e Galiza sem diálogo político»
09/06/2000, Sex	18	Sociedade	«Aprender espanhol ajuda a ser médico»
11/06/2000, Dom	22	Sociedade	«Dois portugueses detidos na Galiza»
21/06/2000, Qua	29	Economia	«Quatro milhões de contos para atrair potugueses a Vigo»
22/06/2000, Qui	9	Grande Porto	«Vigo quer estar mais perto da gente do Porto»
27/06/2000, Ter	20	Sociedade	«Língua Portuguesa em escolas galegas»

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

Janeiro

Data	Pág.	Secção	Título
10/01/2000, Seg	33	Regional	«Barco português apoia navio espanhol»
15/01/2000, Sáb	20	Sociedade	«Neve afecta onze regiões da Espanha e encerra três vias»
23/01/2000, Dom	31	Regional	«Dez pontes para o Porto e Gaia»
29/01/2000, Sáb	47	Artes & Multimédia	«Sociedade propõe produção televisiva comum»

Fevereiro

<i>Data</i>	Pág.	Secção	Título
06/02/2000, Dom	56	Utilidades	«Arte galega»
19/02/2000, Sáb	46	Artes & Multimédia	«Compostela 2000 para todos»

Março

<i>Data</i>	Pág.	Secção	Título
14/03/2000, Ter	11	Internacional	«Reforçados movimentos nacionalistas regionais»
23/03/2000, Qui	24	Sociedade	«Contrabandistas de tabaco português presos em Espanha»
24/03/2000, Sex	14	Internacional	«Nacionalistas advertem Aznar contra prepotência»
25/03/2000, Sáb	41	Negócios	«Venda política à vista na Ence»
31/03/2000, Sex	48	Artes & Multimedia	«Tradição volta do Porto para três dias de Intercéltico»

Abril

<i>Data</i>	Pág.	Secção	Título
03/04/2000, Seg	43	Artes & Multimedia	«Muxicas e Lúnasa fazem a festa no Coliseu»

Maiο

<i>Data</i>	Pág.	Secção	Título
09/05/2000, Ter	54	TV & Rádio	«Caminho de Santiago»
16/05/2000, Dom	30	Desporto	«Barça e Deportivo oferecem milhões ao Espanhol e Celta»
20/05/2000, Sáb	35	Desporto	«Corunha na eufória da "fiesta"»
20/05/2000, Sáb	35	Desporto	«A alegria saiu à rua muito antes do triunfo final»
21/05/2000, Dom	42	Desporto	«Galiza continua a chorar de alegria»

Junho

Não houve ocorrências neste mês.